

**HILDEGARDA DE BINGEN: REDESCOBRINDO UMA VOZ
FEMININA DO SÉCULO XII**

**HILDEGARD OF BINGEN: REDISCOVERING A FEMININE VOICE
OF THE XII CENTURY**

**HILDEGARDA DE BINGEN: REDESCUBRIENDO UNA VOZ
FEMENINA DEL SIGLO XII**

Camila de Souza Ezídio

Doutora em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: camilaezidio@hotmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi60.65837>

Recebido em 14/11/2022

Aceito em 15/12/2022

Resumo

Este artigo tem por objetivo tratar, ainda que sumariamente, de alguns temas ligados à vida e a obra de Hildegarda de Bingen. Entretanto, em primeiro lugar, faremos alguns apontamentos sobre a história da filosofia feita pelas mulheres que, silenciada por séculos e séculos pelo cânone, vem sendo redescoberta nos últimos anos no Brasil. A partir disso, consideraremos esta história tomando como referência uma de suas personagens, neste caso, Hildegarda de Bingen. O breve relato biográfico sobre a vida dessa pensadora do século XII que assumiu funções de poder no contexto da vida religiosa, nos ajudará a compreender, a seguir, alguns dos temas e problemas que envolvem sua escrita, seu desenho e sua música. Dentre estes problemas o que mais nos pede atenção, neste texto, é a representação do feminino e a discussão, que Hildegarda realiza, sobre a natureza da mulher no âmbito físico, moral, teológico e epistemológico que, por sua vez, se traduz como uma narrativa que quebra alguns paradigmas estruturantes do período.

Palavras-chave: Hildegarda de Bingen; Filósofas; Feminino.

Abstract

This article aims to address, albeit briefly, some issues related to the life and work of Hildegard of Bingen. However, first, we will make some notes about the history of philosophy made by women, which, silenced for centuries and centuries by canon, has been rediscovered in recent years in Brazil. From this, we will consider this history taking as reference one of its characters, in this case, Hildegard of Bingen. The brief biographical account of the life of this thinker who lived in the 12th century, and assumed positions of power in the religious life, will help us to understand, below, some of the themes and problems involving her writing, her drawing and her music. Among these problems, the one that most demands our attention, in this text, is the representation of the feminine and the discussion, that Hildegard carries out, about the woman nature in the physical, moral, theological and epistemological spheres, which, in turn, translates as a narrative that breaks some of the structuring paradigms of the period.

Keywords: Hildegard of Bingen; Philosophers; Feminine.

Resumen

Este artículo pretende tratar, aunque sea brevemente, algunas cuestiones relacionadas con la vida y la obra de Hildegarde de Bingen. Pero, en primer lugar, haremos algunos apuntes sobre la historia de la filosofía hecha por mujeres que, silenciada durante siglos y siglos por el canon, ha sido redescubierta en los últimos años en Brasil. A partir de ahí, consideraremos esta historia tomando como referencia a uno de sus personajes, en este caso, Hildegarda de Bingen. El breve relato biográfico de la vida de esta pensadora que vivió en el siglo XII y asumió posiciones de poder dentro de la vida religiosa, nos ayudará a comprender, a continuación, algunos de los temas y problemas que envuelven su escritura, su dibujo y su música. Entre estos problemas, el que más reclama nuestra atención, en este texto, es la representación de lo femenino y la discusión, que Hildegarda lleva a cabo, sobre la naturaleza de la mujer en los ámbitos físico, moral, teológico y epistemológico, lo que, a su vez, se traduce en una narración que rompe algunos de los paradigmas estructurantes de la época.

Palabras clave: Hildegarde de Bingen; Filósofas; Femenino.

Introdução

De acordo com a historiadora Gerda Lerner (2019, p. 20) há duas grandes metáforas que moldam a história do Ocidente quanto ao papel das mulheres que, nas sociedades primitivas, eram tidas como deusas ou mantenedoras de sua família e tribo. A primeira dessas metáforas é a filosofia de Aristóteles que traça uma distinção biológica entre a natureza de homens e mulheres. A mulher, segundo o estagirita, possui uma natureza deficiente e, por isso, incapaz de entender todo o conhecimento disposto no mundo, mas com capacidade suficiente para conhecer as virtudes que lhes são próprias, isto é, para se ocupar de parte da vida privada do *oikos*, já que a vida pública na *pólis* é reservada a natureza intelectualmente

plena de alguns homens¹. A segunda metáfora é dada pelo cristianismo que destitui as deusas gregas para instituir um Deus único do gênero masculino, ao qual todos devem obedecer e louvar fielmente.

Do ponto de vista filosófico, na Idade Média, a consolidação dessas metáforas pode ser vista sob diferentes ângulos, em primeiro lugar com o esforço literário dos padres da Igreja² para compreender se Eva, assim como Adão, havia sido criada a imagem e semelhança de Deus. Tal problemática revela nuances epistemológicas e morais quanto a recorrente afirmação da inferioridade da mulher relativamente ao homem e, conseqüentemente, ao divino³. Em geral, os autores medievais compactuaram com a tese augustiniana que situava o critério de inferiorização da natureza feminina na racionalidade⁴. Em segundo lugar a consolidação dessas metáforas estruturantes se deu com a categorização das mulheres em relação aos homens. Se por um lado estes últimos ocupavam um lugar social e político, seja no ambiente privado como o *pater familiae* ou no ambiente público no exercício de sua profissão ou cidadania, a mulher, segundo Le Goff (1989, p. 21), era distinguida em categorias a partir de seu corpo, de seu sexo ou de suas relações. A mulher era então definida como esposa, viúva ou virgem, isto é, aquela que tem um marido, aquela que já não o tem e aquela que nunca o teve⁵. Essa categorização nos faz lembrar do que anos mais tarde Simone de Beauvoir escreverá em sua obra “O Segundo Sexo”:

[...] Os judeus são “outros” para o anti-semita, os negros para os racistas norte americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. [...] Na medida em que a mulher é considerada o Outro

¹ “Em primeiro lugar, aqueles que não podem existir sem o outro devem formar um par. É o caso da fêmea e do macho [...] é ainda o caso daquele que por natureza, manda e daquele que obedecem para segurança de ambos. [...] Assim a natureza que diferenciou fêmea e escravo.” (ARISTÓTELES, *Política* I, 1252a 25-35 1252b 1-5; trad. Amaral e Gomes, 1998, p. 51). “O pai e marido governa a mulher e os filhos, ambos como pessoas livres, mas não com a mesma autoridade: governa a mulher como cidadão [...] o homem está mais apto para mandar, por natureza, do que a mulher [...]. A relação entre homem e mulher é de permanente desigualdade”. (ARIST. *Ibid.*, 1259a 40 1259b 1-10, p.91). “[...] o homem livre manda no escravo, da mesma forma que o marido manda na mulher [...]. O escravo não tem faculdade deliberativa; a mulher tem-na, mas não tem faculdade de decisão”. (ARIST. *Ibid.*, 1260a 11-12, p. 95).

² Sobre as características desses escritos, cf. DALARUM, 1993, p. 29-62.

³ Sobre o modo como os autores no séc. XII viam as mulheres no que diz respeito a criação do mundo, cf. D'ALVERNY, 1977.

⁴ AGOSTINHO, *De Genesi ad Litteram*, III, 20; ed. Migne, PL 34. No séc. XIII, Tomás de Aquino defendia que a mulher havia sido criada da costela de Adão e não de sua cabeça, pois sendo assim ela não poderia dominá-lo intelectualmente; cf. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, I, q. 92, a.3, res. Para saber mais sobre a relação não equitativa entre Adão e Eva e seu Criador, cf. DUBY, 1996, p. 49-56. No séc. XV, uma das autoras críticas dessa tradição que inferiorizava as mulheres desde o ato da criação foi Christine de Pizan. Na sua obra, *A Cidade das Damas*, ela defende que Deus em sua perfeição não poderia ter criado um ser, no caso a mulher, imperfeito; cf. CHRISTINE DE PIZAN, *A cidade das Damas*, I, 1-2; trad. Deplagne, 2012, p. 60-62.

⁵ Sobre o tema, cf. também: DINSHAM e WALLACE (eds.), 2006.

absoluto, isto é – qualquer que seja sua magia – o inessencial, faz-se precisamente impossível encará-la como outro sujeito. As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusesse para si em face do grupo masculino [...]. (BEAUVOIR, 1980, p. 11-12).

No curso da história, portanto, foram poucas as mulheres que ocuparam posições de destaque, se comparadas aos homens, além disso, muitas delas só tiveram sua importância reconhecida muitos anos ou séculos depois de sua existência. Mesmo aquelas mulheres de vida secular que, na Idade Média, se dedicaram a adorar Deus sofreram as consequências de seu gênero. No que diz respeito às religiões, Perrot (2007, p. 84) entende que essas representam, paradoxalmente, um poder para as mulheres e sobre as mulheres. Por um lado, o cristianismo impõe, respectivamente, a dominação do poder clerical exercido exclusivamente por homens e o Gênesis traz a figura de uma Eva culpada pelo mal do mundo:

Eva é a heroína de uma história que então se contava por toda a parte, por palavras e por imagens. É uma história que figura na Bíblia no início do livro dos Gênesis. Relata a origem do gênero humano, a fundação da ordem moral, da ordem social e fornece em algumas frases uma explicação global da condição humana. (DUBY, 1996, p. 49).

Essas mulheres religiosas representavam uma espécie de contradição entre a figura feminina de uma pecadora, mas também o espelho de uma Virgem. Ainda assim a elas era reservado o lugar da oração silenciosa, em detrimento das manifestações intelectuais, bastante conhecidas por todos os medievalistas, feitas pelos padres da igreja e pelos autores escolásticos⁶. Segundo Michelle Perrot isso decorre do fato de que, “Como é sagrado, o saber é o apanágio de Deus e do Homem, seu representante sobre a terra. É por isso que Eva cometeu o pecado supremo. Ela, mulher, queria saber; sucumbiu à tentação do diabo e foi punida por isso” (PERROTT, 2007, p. 91).

Do mesmo modo que a curiosidade impeliu Eva a conhecer e ser punida, a sede pelo conhecimento levou muitas mulheres, entre elas místicas e pensadoras, da antiguidade e do Medievo, a serem alvos de crítica social, rechaço, condenação e morte. Ademais, essas mulheres foram silenciadas no que diz respeito à história de todas as ciências e, particularmente, em se tratando aqui da história da filosofia.

Nos últimos anos vem crescendo dentro da comunidade filosófica brasileira um movimento de pesquisa e ensino feito, principalmente, por mulheres, docentes e discentes,

⁶ “Em suma, a regra impõe o silêncio: falar apenas o que é estritamente indispensável” (PERNOUD, 1984, p. 33).

para dar voz à essas filósofas e à sua produção. Esse movimento tem dado muitos frutos como, por exemplo, a criação de redes de pesquisa e ensino, de blogs para a divulgação de materiais, de grupos de trabalho e a organização de congressos, encontros e colóquios⁷. Ao mostrar que existe uma filosofia feita por mulheres, desde a Grécia Antiga até os dias de hoje, esse movimento desconstrói o modelo do cânone filosófico que foi escrito por homens para outros homens, possibilitando assim a inserção dessas filósofas, como sujeitos e não mais como “outros”, em seu lugar histórico, social e, também, curricular, na medida em que essas pensadoras passam a estar presentes na bibliografia primária dos cursos de humanidades, o que, por sua vez, impacta diretamente na formação de nossos alunos e alunas.

Considerando o contexto histórico do século XII e impelido por esse movimento filosófico, este artigo apresentará alguns pontos da pessoa e da obra de Hildegarda de Bingen, uma mulher que, apesar de integrar uma das categorias femininas da Idade Média, neste caso, a de religiosa, rompe com o modelo social esperado. Tomamos a liberdade de descrever Hildegarda como uma mulher medieval de muitas faces devido a sua intensa e distinta produção intelectual⁸ na área da filosofia, da teologia, da música e da medicina. Este texto é composto por três seções nas quais trataremos de algumas passagens e temas relativos à vida e à obra de Hildegarda. Começamos então por conhecer um pouco mais sobre essa mulher medieval.

Relatos de uma Vida

Hildegard von Bingen é o nome da décima filha de uma família nobre alemã, que mais tarde ficará conhecida como a Síbila do Reno (cf. GOUGUENHEIM, 1996). A menina de saúde frágil nasce em 1098 e é entregue como dízimo a vida religiosa aos oito anos de idade. Hildegarda passa a viver no monastério da ordem Beneditina de Disibodenberg sobre os cuidados de sua Tutora Jutta, que se ocupou de sua educação ao lhe ensinar latim através da Bíblia. Posteriormente, após o falecimento de Jutta, é Volmar, um monge beneditino, que se ocupa da educação de Hildegarda. Volmar acaba por se tornar não só seu mestre, mas, sobretudo, seu amigo, secretário e copista. Essa amizade merece destaque, principalmente, porque se trata de uma relação entre um homem e uma mulher que, mesmo não tão comum

⁷ Para conhecer alguma dessas iniciativas, cf. <https://www.filosofas.org;> [https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/;](https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/) <https://germinablog.wordpress.com/grupo-de-pesquisa-ensino-e-extensao-uma-filosofa-por-mes/>

⁸ Para ter uma compreensão geral sobre a vida e sobre as obras de Hildegarda, cf. FLANAGAN, 1990, p. 01- 15; NEWMAN, 1987, p. 04-34.

para a época, é nutrida por um profundo respeito e admiração que Volmar alimenta por Hildegarda e vice-versa⁹.

Ao completar dez anos de idade, Hildegarda faz seu voto de castidade e recebe o véu, passando, a partir disso, a viver uma vida sob as regras monásticas beneditinas¹⁰. Em 1136, com o falecimento de Jutta, que era também abadessa de Disibodenberg, Hildegarda é escolhida como sua sucessora. Aos 41 anos de idade, Hildegarda relata que recebeu, através de uma visão, um chamado que a ordenou a comunicar publicamente suas experiências visionárias:

Ó Frágil humano, cinza das cinzas, e imundice da imundice! Dize e escreve o que vês e ouves. Contudo, visto que és tímido no falar e simples na exposição, e iletrado ao escrever, fala e escreve estas coisas não por uma boca humana e não pela compreensão da invenção humana, e não por exigências da composição humana, mas como as vês e as ouves no alto dos lugares celestes, nas maravilhas de Deus. Explica estas coisas de tal modo que o ouvinte, recebendo as palavras, de acordo com aquela vontade, visão e instrução. (HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias*, declaração; trad. Hart e Bishop, 1990, p. 59).

A partir desse momento ela dá início a uma vida pública e a escrita de várias obras em diversos gêneros literários.

Hildegarda assume, posteriormente, que teve visões desde a sua infância, mas descreve tais experiências como uma preparação para o que viria a acontecer em 1141¹¹. Neste momento, a filósofa não desejava apenas narrar suas experiências visionárias, mas, sobretudo, necessitava da aprovação eclesiástica para a sua narrativa. Com efeito, em 1147, com a intercessão de Bernardo de Claravaux¹², foi solicitada a confirmação por parte da Igreja de suas visões. O papa Eugênio III enviou seus representantes ao monastério de Disibodenberg, os quais retornaram até ele com uma cópia da primeira obra de Hildegarda, o *Scivias* que, mesmo incompleto, impressionou o papa que autoriza a pensadora a continuar escrevendo:

⁹ “E ela encontrou o encontrou e amou-o, sabendo que ele era um homem fiel, trabalhando como ela própria noutra parte do trabalho [...]” (HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias*, declaração, trad. Hart e Bishop, 1990, p.60; todas as traduções do inglês são nossas)

¹⁰ Para conhecer de modo geral um pouco das regras praticadas nos conventos femininos, cf. PernoUD, 1984, p. 31-36.

¹¹ “Eu tenho sentido o maravilhoso poder e o mistério das secretas e admiráveis visões desde minha infância-isto é, desde os cinco anos de idade – até esse momento, como faço agora. [...] mas quando eu passei pela infância e atingi a idade da completa maturidade mencionada anteriormente, eu ouvi uma voz que vinha do céu [...]” (HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias*, declaração, trad. Hart e Bishop, 1990, p. 60).

¹² Sobre a relação de Hildegarda e Bernardo, cf. CÍRLOT, 2005, p. 35.

[...] no final de 1147, Eugênio III nomeou uma comissão para investigar a doutrina de Hildegarda. Vieram vê-la, interrogaram-na, e notaram a sua humildade, a pedra de toque da sua santidade. O papa leu o que já tinha sido escrito no seu livro *Scivias* e fez ler em Trier na presença de Bernardo. Este último estava cheio de admiração; parece que foi graças à sua intervenção decisiva que Eugênio III não só aprovou Hildegarda, como lhe pediu que escrevesse "tudo o que aprendesse do Espírito Santo" [...]. Foi a partir deste momento que a correspondência de Hildegard com os grandes homens do mundo se intensificou. (LECLERCQ, 1983, p. 56; trad. nossa).

Hildegarda ganha fama atraindo muitas pessoas ao monastério no qual vivia, fato que a impele na busca de uma nova casa. Os monges de Disibodenberg mostraram certa resistência para abandonar sua residência, mas, através de contatos de sua família, a abadessa consegue apoio financeiro e político para construir o mosteiro de Rupertsberg, o qual torna-se muito próspero, levando-a a fundar um convento em Eibingen, local onde hoje está situada a sua Abadia.

Com sua autoridade religiosa e intelectual e gozando de uma posição social aristocrática, Hildegarda manteve uma estreita relação com os acontecimentos de sua época defendendo questões como a reforma Gregoriana e a reforma monástica¹³. Entre os anos de 1158 e 1170, ela decide tornar a sua vida ainda mais pública realizando algumas viagens pela Alemanha e pela França, que tinham cunho não só teológico-religioso, mas, também político em torno de seus ideais reformistas:

Gritai e falai da origem da salvação pura até que aquelas pessoas sejam instruídas, que, embora vejam o conteúdo íntimo das Escrituras, não desejam contá-las ou pregá-las, [...] até que aqueles que agora vos acha desprezível por causa da transgressão de Eva sejam agitados pela inundação de vossa irrigação. Pois você recebeu seu profundo discernimento não dos humanos, mas do alto e tremendo Juiz no alto. (HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias* I, 1; trad. Hart e Bishop, 1990, p. 67)¹⁴.

Suas correspondências envoltas também a essa dimensão moral e política¹⁵ eram dirigidas a muitos personagens sociais como papas, imperadores, abadessas, fiéis e leigos. Todavia, nem sempre os argumentos de Hildegarda eram bem recebidos pela sociedade que a rodeava, o que acabou por criar conflitos entre a religiosa e algumas autoridades e lhe

¹³ Sobre o assunto, cf. KERBY-FULTON, K., 1989; cf. também, NEWMAN, 1987, p. 242.

¹⁴ Para saber mais sobre as viagens de Hildegarda, cf. PernoUD, 1994, p. 94-117.

¹⁵ Sobre as características das correspondências de Hildegarda, cf. RAPP, B. S., "A woman Speaks: Language and self- representation in Hildegard's Letters". In: MCINERNEY, M.B (ed), 1998, p. 03-23 e FLANAGAN, 1998, p. 152-172.

angariar alguns inimigos (cf. NEWMAN, 1987, p. 13-14). Apesar disso, Hildegarda se manteve convicta em seus ideais na figura pública de religiosa, profetiza e abadessa. Hildegarda falece em 17 de setembro de 1159 deixando um riquíssimo legado espiritual, intelectual e artístico.



A verdade; HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias*, decl., trad. Hart e Bishop, 1990, p. 58; iluminura que mostra Hildegarda acompanhada de Volmar, seu secretário e copista e Jutta, sua tutora

Obras

Os muitos conhecimentos de Hildegarda de Bingen são narrados não só sob a perspectiva metafísico-teológica, mas também sob uma ordem epistemológica-racional. Quanto as suas visões, por exemplo, a pensadora trata de enfatizar que se davam em momento de atenção e plena consciência e jamais em sonho ou estado de delírio¹⁶. O cuidado dessa afirmação se deve, principalmente, a necessidade de justificar do modo mais claro e racional possível suas experiências visionárias, na medida em que esse tipo de narrativa poderia ser interpretado como sendo fruto de histeria, transe ou loucura, como aconteceu com outras mulheres do período, e mesmo com ela¹⁷:

Em 1917 o historiador da ciência, Charles Singer diagnosticou Hildegarda como uma vítima de “*scintillating scotoma*” uma forma de enxaqueca caracterizada por alucinações de flashes, círculos ou fermentada por pontos

¹⁶ “As visões que vi não percebi em sonhos, ou no sono, ou no delírio, ou pelos olhos do corpo, ou pelos ouvidos do eu exterior, ou em lugares escondidos [...]” (HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias* I, trad. Hart e Bishop, 1990, p. 60). Sobre as experiências visionárias de Hildegarda e de outras mulheres medievais cf, DRONKE, 1984, p. 146-147 e PERNOUD, 1994, p. 69-82.

¹⁷ Até pouco tempo as experiências visionárias das mulheres medievais eram entendidas como efeitos de alguma doença de ordem física ou psíquica. Ademais, como expõe Dronke (1987, p. IX), há muitas vezes a tentativa de desqualificar as mulheres que escrevem no período medieval atribuindo suas obras a autores do sexo masculino. “A experiência mística contida nas suas palavras e registada nos seus textos é um dos grandes tesouros da espiritualidade da Europa Ocidental. A caverna onde habita esta experiência deve, no entanto, ser abordada com medo e tremor. Não é possível chegar com os nomes do nosso século e tentar conquistá-la simplesmente nomeando: histeria, depressão, anorexia.” (CÍRLOT e GARÍ, 2008, p. 17; trad. nossa).

de luz. Tal como um diagnóstico pode estar correto; mas ao contrário de Singer, nós devemos evitar o erro reducionista de assumir que uma causa fisiológica das visões exclui a possibilidade de alguma inspiração superior. (NEWMAN, 1985, p. 167, trad. nossa).

Ademais, segundo Hildegarda, além de seu estado físico desperto, eram seus olhos e ouvidos interiores que viam e ouviam tudo. Dito isso, é possível pensar na narrativa visionária de Hildegarda a partir de uma retomada da epistemologia socrática do “conhece a ti mesmo” combinada com a noção de “homem interior” do apóstolo Paulo (2 Coríntios 4:16), a qual é considerada por Agostinho em suas obras e, com as quais Hildegarda certamente teve contato. Parece que a filósofa deseja nos mostrar, sobretudo, que o conhecimento das verdades depende que as experiências exteriores sejam vistas com os olhos da alma, o que exige um “voltar para dentro de si”.

De acordo com Barbara Newman (1985, p. 164), Hildegarda afasta-se da tradição mística medieval (cf. NEWMAN, 1987, p. 27)¹⁸, e reforça através de sua narrativa o caráter profético de suas visões se colocando como uma mulher, fisicamente fraca, mas intelectualmente forte, que é instrumento da Luz Viva e da voz divina que se manifestam no pleno estado de sua consciência. Os escritos de Hildegarda não se caracterizam como uma narrativa de experiências subjetivas com Deus, como era o caso de obras místicas do período. Na realidade, os textos da pensadora carregam um caráter didático acerca dos temas da fé e denotam também elementos morais e políticos oriundos de sua própria vida. Por consequência, Newman opta por se referir a Hildegarda como uma profetiza.

A experiência visionária de Hildegarda, assim como a de outras mulheres no mesmo período, foi intimamente ligada ao seu gênero e proferida publicamente, elucidando os aspectos femininos dessa sua capacidade. Hildegarda, logo em sua primeira visão, narrada no *Scivias*, e citada anteriormente, esclarece aos homens do clero que Deus escolheu uma mulher como sua porta-voz diante da má situação em que eles se encontravam. Ela usa ironicamente o autorreconhecimento de sua inferioridade para interpelar seus ouvintes e leitores, isso parece ser ao mesmo tempo uma tática social, política e literária para que a sua voz, isto é, a voz de uma mulher, seja ouvida. Por consequência, as visões da pensadora demonstram, segundo Bynum (1990, p.17), uma posição exegética frente aos problemas de seu tempo, principalmente naquilo que toca a Igreja e o clero. Diante disso, muitas são as dúvidas ao classificá-la como mística ou visionária. Entretanto, considerando tecnicamente a narrativa

¹⁸ Para saber mais sobre as questões e problemas enfrentados pelas mulheres místicas no medievo, cf. DYAN, 2004.

mística de outras autoras que, em êxtase, experienciavam o divino a fim de comunicá-lo para que assim fosse revivido, Hildegarda se distingue destas ao comunicar experiências físicas de caráter profético com fins morais e políticos.

Além do *Scivias*, também chamado de *Conhece os caminhos do Senhor*, obra mais conhecida de nossa autora, e na qual ela narra suas visões, Hildegarda escreve muitos outros textos sobre diversos temas e em distintos gêneros literários. Ao *Scivias* se juntam mais outras duas obras que compõem assim uma trilogia sobre as experiências visionárias da pensadora. Outras obras bastante conhecidas de Hildegarda são sua *Física* e seu *Causae e Curae*, ambas se ocupam de questões ligadas a natureza e ao corpo humano e são escritas através da experiência que a pensadora adquiriu na enfermaria do monastério, em Disibodenberg, e do contato com literaturas médicas da época¹⁹. O primeiro livro trata-se de uma enciclopédia sobre ervas e o segundo, em complemento a este, trata dos males físicos e psicológicos que afetam os seres humanos e os possíveis remédios naturais disponíveis para o seu tratamento. Influenciada pela medicina de Hipócrates e Galeno, Hildegarda reafirma a chamada teoria dos humores, segundo a qual a saúde física e espiritual do corpo humano depende do equilíbrio entre os fluídos corporais:

Na teoria dos humores tradicional, a doença surge de um desequilíbrio temporário dos humores. Mas há uma complicação adicional: cada pessoa é uma mistura irregular de todos os humores, o predominante dá à pessoa certas características que serão discutidas mais tarde no contexto dos temperamentos. Assim, é um desequilíbrio para essa combinação de humores em particular, [...] que é a causa de doença numa pessoa. A teoria da doença de Hildegarda segue este padrão geral com a adição de alguns aperfeiçoamentos adicionais e o que parece ser uma terminologia nova. [...]os humores, seco, húmido, espumoso, e frio são todos *flegmas*, mas quaisquer deles também podem ser chamados de *livores* quando uma determinada relação prevalece entre eles e os restantes [...] Deste modo, Hildegarda prevê uma relação complicada entre os quatro humores, que não é uma relação de equilíbrio equivalente estrito. (FLANAGAN, 1996, p. 15-17; trad. nossa)²⁰.

Os diversos âmbitos dos quais Hildegarda se ocupa em sua narrativa e aos quais aplica seu conhecimento a caracterizam não só como profetiza, mas como teóloga, filósofa, médica

¹⁹ “As suas noções biológicas derivam, de forma bastante vaga, da tradição galénica; parece ter sido intocada pela influência das teorias árabes ou mesmo salernitanas atuais no seu tempo [...]” (NEWMAN, 1987, p. 133)

²⁰ Para saber mais sobre a teoria dos humores em Hildegarda, Cf. HILDEGARDA DE BINGEN, *Causae e Curae*, II, 20-35, ed. Kaiser, 1903, p. 50-51 e cf. DRONKE, 1984.

e, como artista, devido as poesias e as músicas das quais ela também é autora²¹. No que diz respeito ao lado artístico dessa mulher medieval é preciso destacar aqui dois fatos: o primeiro se refere as belas iluminuras que compõe o *Scivias*; apesar de haver um consenso entre uma parte de historiadores da arte que afirmam não ter sido Hildegarda que as desenhou há, por outro lado, um consenso de que esses desenhos foram feitos sob sua supervisão, o que denota sua contribuição, mesmo que indireta, para essa forma de narrativa. As iluminuras são objeto de investigação dos historiadores, mas, também dos filósofos, pois apresentam uma beleza estética e um significado ilustrativo-didático para o texto de Hildegarda²². O segundo fato se refere as composições musicais da pensadora que escreveu cantos, hinos e até o que poderíamos entender hoje como sendo uma ópera. O chamado *Ordo Virtutum*²³, escrito em 1151, inaugura um gênero teatral na Idade Média, o de peças moralistas, gênero já explorado pelos gregos em suas tragédias. O *Ordo* é uma obra cantada e encenada, na qual se retrata a luta de uma alma humana em meio as virtudes, representadas em sua grande maioria por figuras femininas, e as tentações, representadas pela figura do diabo. É clara a intenção e a perspectiva de Hildegarda de retratar e sensibilizar seus espectadores e leitores por todas as vias possíveis, sejam elas, sensitiva e/ou intelectual. Os nossos olhos, os nossos ouvidos (externos e internos) e o nosso intelecto precisam estar atentos a tudo que essa mulher tem a nos dizer, seja com sua escrita, sua música ou seu desenho.

A representação do Feminino em Hildegarda

De acordo com Perrot (2007, p.85), não foi simples para a igreja compreender e aceitar, com ressalvas, mulheres como Hildegarda pois, como reunir em uma mesma figura do gênero feminino: 1. a ideia de um ser inferior, física e intelectualmente, mas que tem a capacidade de conhecer? 2. a imagem da virgem e da mulher com vida pública que tem a ensinar a outras mulheres, mas também aos homens? De acordo com Barbara Newman, Hildegarda resolve a situação paradoxal quanto ao seu gênero e seu lugar social construindo o que a autora chama de uma “teologia do feminino”. Segundo Newman, essa construção aconteceu por duas vias: a primeira delas, concerne ao fato de que Hildegarda sempre se autodescreve como sendo fisicamente frágil e intelectualmente inferior²⁴, essa estratégia retórica corrobora com o paradigma da época. Por consequência, tais características abrem

²¹ Sobre as poesias e músicas, cf. o estudo crítico de NEWMAN, 1988.

²² CAVINESS, 1998, p. 110-124. In: NEWMAN (org.), 1998.

²³ ORDO VIRTUTUM by Hildegard von Bingen: <https://www.youtube.com/watch?v=zUMlhtoGTzY>

²⁴ HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias* I, trad. Hart e Bishop, 1990, p. 60 e 67.

espaço para a afirmação de que Deus, que a tudo aperfeiçoa, deu a Hildegarda, física, intelectual e biologicamente inferior, uma compensação através de suas visões. A segunda via pela qual Hildegarda constrói essa teologia do feminino, talvez menos intencional que a primeira, concerne ao fato da pensadora ressaltar em todas as suas obras sejam escritas, cantadas ou visuais, os aspectos femininos presentes nas coisas naturais, morais, ou mesmo nas coisas divinas.

Ver o feminino como uma espécie de incapacidade e fragilidade, mas também como uma dimensão numinosa e salvífica da natureza divina: aqui reside a linhagem característica daquilo a que chamei "teologia do feminino" [...]. (NEWMAN, 1990, p 36; trad. nossa)²⁵.



O Universo, HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias* I, trad. Hart e Bishop, 1990, p. 91; iluminura que inegavelmente nos faz recordar do órgão sexual feminino

Essa teologia do feminino pode ser entendida de modo amplo, se considerarmos que o estudo sobre a natureza da mulher está presente nas obras de caráter físico-biológico de Hildegarda, como o *Causae e Curae*, mas também pode ser entendida de modo estrito se consideramos o *Scivias* e a reflexão que a pensadora realiza, com base nas Sagradas Escrituras, e que tem como ponto de partida a criação, passa pelo apocalipse, e culmina na salvação²⁶.

²⁵ Cf. também, HILDEGARDA DE BINGEN, *Liber Divinorum Operum* (doravante = *DOD*) I, 4, 65; trad. Campbell, 2018, p. 190.

²⁶ É interessante perceber que Hildegarda adota a mesma estratégia literária de autores do séc XII e XIII. A Suma Teológica e a Suma Contra os Gentios de Tomás de Aquino é escrita sob esse modelo *exitus* e *reditus*, isto é, se trata de uma narrativa que se inicia com a saída do homem de Deus, no caso, a criação e termina com a volta do homem para Ele, no caso sua salvação.

É preciso destacar aqui o estudo que Hildegarda empreende, em algumas de suas obras, acerca da natureza feminina em sentido moral-teológico partindo de duas personagens literárias opostas, a saber, Eva e Maria. A pensadora afasta-se de autores medievais, como Agostinho, e propõe ao contrário destes que Eva, assim como Adão, é criada a imagem e semelhança de Deus. A demonstração desse argumento é dada através do papel que a mulher recebe como progenitora²⁷. Para Barbara Newman, essa afirmação caracteriza uma antropologia radical que, ao contrário de outras, nesse período medieval, tem a mulher como representação central do ser humano. Eva aproxima-se de Maria na medida em que ambas compartilham uma mesma natureza que, por sua vez, recebe de Deus o dom de dar a humanidade ao Divino²⁸. O pecado de Eva é, em certa medida, minimizado, por Hildegarda, através de sua descrição acerca da fragilidade e da fraqueza da mulher que foi enganada pela serpente, sendo ela a primeira vítima do demônio²⁹. A reparação do pecado e a compensação por essa natureza frágil vem com o dom da geração e com a capacidade de conhecer, ambas características dadas à natureza da mulher por Deus³⁰. A personificação de todas essas dádivas é Maria.

A discussão sobre Eva e Maria e sobre os atributos de sua natureza se consolida como uma tradição na Idade Média que é levada a cabo por homens do clero e da sociedade em geral, que encontram nessas personagens dois modelos opostos para a elaboração de valores universais de comportamento para as mulheres³¹. Hildegarda, como mencionado acima, rompe com essa tradição ao aproximar Eva e Maria através da redenção corporal e espiritual da primeira através da segunda³² o que, por consequência, parece gerar um modelo, em

²⁷ “[...] e se vê a imagem de uma mulher que tem uma perfeita forma humana em seu ventre” [...] pelo comando e vontade secreta de Deus [...]. (HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias* I, 4, 16; trad. Hart e Bishop, 1990, p. 119; cf. também, *The Book of Divine Works* (doravante = *DOD*), II, 1, 43; trad. Campbell, 2018, p. 332, todas as traduções para o português são nossas).

²⁸ HILDEGARDA DE BINGEN, *DOD*, I, 4, 100; trad. Campbell, 2018, p. 238.

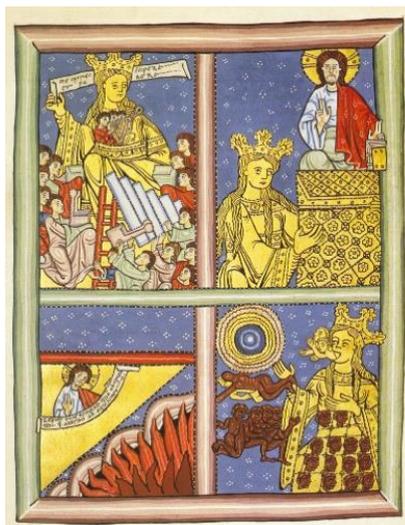
²⁹ “Mas o diabo, ao ver a mulher, reconheceu que ela seria a mãe de um grande mundo”. (HILDEGARDA DE BINGEN, *DOD*, I, 1.14; trad. Campbell, 2018, p. 42; “[...] a antiga serpente enganou a primeira mulher” (*Ibid.* I, 1, 17; p. 44). De acordo com Newman (1987, p. 112), Hildegarda minimiza o pecado de Eva, culpando Satanás. Desse modo, ela consegue escapar da imagem de uma Eva que através de seu pecado fez com que todas as mulheres fossem desprezíveis e toda a humanidade sofresse com a justiça divina. Apoiado em muitos excertos das sagradas escrituras como a de Timóteo 2:14 segundo a qual, “Adão não foi seduzido, mas a mulher foi seduzida em transgressão”, Agostinho e outros autores defendem, por outro lado, que o homem pecou por conta da mulher, cf. AGOSTINHO, *De Genesi ad Litteram*, XI, 27; ed. Migne, PL. 34. Para saber mais sobre a natureza da mulher e seu pecado, cf. LEGRAND, 2006, p. 214-239.

³⁰ “A mulher, entretanto, não foi mudada, pois permaneceu carne tirada da carne, e por isso recebeu um trabalho manual hábil, e é como o ar, pois carrega um bebê em seu ventre e o dá à luz”. (HILDEGARDA DE BINGEN, *Causae e Curae*, 2.128; ed. Kaiser, 1903. cf. também, *Ibid.* *DOD*, I, 4, 66; trad. Campbell, 2018, p. 191).

³¹ DALARUM, p. 30-63; In: DUBY *et al* (eds.), 1993.

³² “[...] a mulher, que primeiro causou a queda e através de quem esses males foram depois restaurados para melhor”. (HILDEGARDA DE BINGEN, *DOD*, I, 4, 66; trad. Campbell, 2018, p. 191; cf. também, *Ibid.* II, 1, 16,

sentido moral, não só para a natureza feminina, mas para a natureza humana em geral. Essa tese pode vir a ser sustentada se considerarmos também um terceiro personagem feminino dos textos de Hildegarda, a chamada *Ecclesia* que aparece como uma representação da igreja. Denominada metaforicamente como a noiva de Cristo, a mãe dos fiéis e a virgem, a *Ecclesia* é simbolizada por uma mulher que engendra em si, segundo Barbara Newman (1987, p. 249), Eva e Maria e que une os seres humanos redimidos com Deus³³.



Igreja Mãe, HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias* II, trad. Hart e Bishop, 1990, p. 167.

Ligada a tais figuras femininas, que por si só configuram um modelo para a natureza humana, encontramos uma ética das virtudes³⁴ que compõe uma teoria moral cuja construção integra simultaneamente teologia, cosmologia³⁵ e dualismo neoplatônico. A princípio, neste artigo o que nos cabe mencionar, em primeiro lugar, é o modo como Hildegarda apresenta as virtudes correlacionando-as com as figuras de Eva, Maria e a Igreja que simbolizam, analogamente um modelo e a face da humanidade e, em segundo lugar, a representação

p. 285). “Ó forma de mulher, irmã de Sabedoria, quão gloriosa você é! . . . Pois a Sabedoria te elevou a graça de todas as criaturas para receber através de ti uma porção melhor do que antes”. (HILDEGARDA DE BINGEN, *O magna res*, versos 3a–b; In: NEWMAN (trad. e ed.), 1998, p. 264).

³³ “[...] agora você vê a imagem de uma mulher tão grande quanto uma grande cidade; essa representa a Noiva do Meu Filho, que sempre carrega sua criança até a regeneração no Espírito e na água, pois o forte Guerreiro fundou-a sobre uma ampla base de virtude, de modo que ela pudesse manter e aperfeiçoar a grande multidão dos eleitos dele”. (HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias* II, 3, 1; trad. Hart e Bishop, 1990, p. 170).

³⁴ No livro III do *Scivias*, Hildegarda apresenta a descrição de um “edifício da salvação” que é construído ao longo da história da humanidade e habitado por diferentes virtudes através das quais os seres humanos podem vir a alcançar a vida eterna.

³⁵ “De fato, através dos poderes da alma, a pessoa humana realiza em sabedoria, conhecimento e discrição tudo o que ela faz sob a órbita do sol e da lua através dos meses e das estações”. (HILDEGARDA DE BINGEN, *DOD*, I, 4, 79; trad. Campbell, 2018, p. 203). Para saber mais sobre a relação das virtudes com o funcionamento do Universo, cf. RABASSÓ, 2012.

feminina dessas virtudes. Apesar de ser um traço comum que os autores da época utilizem da linguagem e de personagens femininas para abordar algumas temáticas, em Hildegarda isso parece tomar outra dimensão, ligada ao seu próprio gênero e a misoginia intelectual presente na Idade Média.

Influenciada pela literatura das Sagradas Escrituras como o livro dos Provérbios e de Salomão, que traz figuras femininas como Sofia, e pelo platonismo (cf. NEWMAN, 1987, p. 45), comum nos autores do séc. XII, Hildegarda constrói um retrato da face feminina do divino em consonância com a humanidade. Considerando que os seres humanos emanam e tem por objeto o retorno para Deus³⁶, a pensadora explora essa face feminina do divino através da própria natureza humana por meio de mulheres que simbolizam um modelo e, por meio da personificação das virtudes que representam simultaneamente, uma manifestação de Deus e um dos meios pelos quais Ele pode vir a ser alcançado por toda a humanidade³⁷.



Cinco virtudes, HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias* III, trad. Hart e Bishop, 1990, p. 342

Considerações finais

Usando de sua posição social Hildegarda de Bingen empreende um trabalho intelectual que, intencionalmente ou não, diverge daquilo que eram os padrões da primeira metade da Idade Média. Durante a sua vida, a menina de saúde frágil se transforma em uma figura que ocupa posições de poder, como o cargo de Abadessa, mas, sobretudo, se transforma em uma mulher que escreve e defende ideais morais e políticos para seus pares. Através de sua obra, ela faz uso de estratégias retóricas para lidar com o fardo que seu gênero

³⁶ “O ciclo neoplatônico de emanção de e retorno a Deus serve como um processo fundamental em todo o pensamento de Hildegarda [...]”. (HILDEGARDA DE BINGEN, *DOD*; trad. Campbell, 2018; op. cit. introd., p. 11).

³⁷ “[...] essas virtudes, pela vontade de Deus, são trazidas sobre as pessoas. [...] A humanidade é aperfeiçoada pelas virtudes, as quais são as ações das pessoas trabalhando em Deus”. (HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias* III, 3, 2 -3; trad. Hart e Bishop, 1990, p. 345). “As virtudes se curvam para o conhecimento de Deus e conduzem a espécie humana igualmente para toda a justiça e para a retidão do céu”. (*Ibid*, *DOD*, I, 2, 20, trad. Campbell, 2018, p. 77); cf. também, *Ibid*, *DOD*, II, 1, 40 e 42, trad. Campbell, 2018, p. 325 e 329-330.

lhe imputa. Com suas experiências visionárias ela narra aquilo que Deus a mandou dizer, Hildegarda é um instrumento para que a Verdade seja conhecida por todos os seres humanos, homens e mulheres. Entretanto, há que se destacar que esse instrumento é do sexo feminino, é a figura que engendra em si o pecado de Eva, mas também o espelho da virgindade de Maria. Como compreender e conciliar essa situação paradoxal? A própria Hildegarda nos responde a essa questão através de sua imagem feminina do Divino que pode ser vista na redenção de Eva através de Maria a quem foi dada a dádiva de gerar o filho de Deus, assim como foi dada às filhas de Eva a capacidade de gerar e de conhecer, fazendo com que elas sejam, como os homens são, a imagem e semelhança de Deus. É dessa representação do feminino em Eva e Maria, seja em sua narrativa, em suas iluminuras ou presente em seu próprio ser, que Hildegarda constrói, junto a uma ética das virtudes, um modelo moral dirigido não só às mulheres, mas para toda a humanidade. Essa construção rompe com alguns séculos e muitos paradigmas estruturantes, como aquele segundo o qual a mulher é intelectualmente menos capaz se comparada ao homem. Assim como iniciamos este texto, o terminamos reiterando que Hildegarda de Bingen é uma mulher medieval de muitas faces que, como tantas outras, foi silenciada no curso da história. Ao olharmos com atenção para o nosso passado ocidental vemos que são muitos os nomes das mulheres para serem redescobertos, mas, por que o cânone filosófico e os manuais de história da filosofia insistiram e ainda insistem em narrar um mundo sem a presença dessas pensadoras? E por que nós ainda insistimos na narrativa única sobre os padres da Igreja e os mestres escolásticos se, por outro lado, podemos recorrer a Hildegarda de Bingen, Heloísa de Argenteuil, Christine de Pizan, Teresa de Cartagena e tantas outras? Talvez um questionamento sem a devida resposta não seja a melhor forma de terminar um artigo científico, mas, neste caso, ele fará talvez com que sejamos impelidos a também contribuir com esse movimento histórico-filosófico de redescoberta e estudo das mulheres e de seus escritos.

Referências

ARISTÓTELES. **Política**. Edição bilíngue (português-grego). Trad. António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.

AURELLI AUGUSTINI HIPONENSIS episcopi Opera omnia. Opera et studio monachorum ordinis Sancti Benedicti e congregatione S. Mauri. Post Lovaniensium theologorum recensionem... Accurante J.-P. Migne, **Patrologiæ cursus completus, Series Latina**, t. 32-47. Lutetiæ Parisiorum, excudebatur et venit apud J.-P. Migne editorem, 1841-1849.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo sexo: fatos e mitos.** Trad. Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

CIRLOT, V.; GARÍ, B. **La mirada interior: escritoras místicas y visionarias en la Edad Media.** Espanha: Siruela, 2008.

CIRLOT, V. **Hildegard von Bingen y la tradición visionaria de Occidente.** Barcelo: Titivillus, 2005.

CHRISTINE DE PIZAN. **A cidade das Damas.** Trad. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2012.

DALARUM, J. “Olhares de Clérigos”. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Ed.). KLAPISCH-ZUBER, C. (Org). Trad. Maria Helena Mota *et al.* **História das Mulheres no Ocidente.** Lisboa: Edições Afrontamento, 1993. Vol. II: Idade Média

D'ALVERNAY, M-T. Comment les théologiens et les philosophes voient la femme. **Cahiers de civilisation médiévale**, ano 20, n. 78-79, p. 105-129, abr./set., 1977b.

DINSHAW, C.; WALLACE, D. (Ed.). **The Cambridge Companion to Medieval Women's Writing.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DRONKE, P. **Women Writers of the Middle Ages: A Critical Study of Texts from Perpetua (†203) to Marguerite Porete (†1310).** Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

DUBY, G. **As Damas do século XII.** Trad. Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1996.

FLANAGAN, S. **Hildegard of Bingen: A Visionary Life.** London; New York: Routledge, 1998.

GOUGUENHEIM, S. **La Sibylle du Rhin: Hildegarde de Bingen, abbesse et prophétesse rhenane.** Paris: Éditions de la Sorbonne: 1996.

HILDEGARD OF BINGEN. **Causae et curae.** Leipzig: Ed. Paul Kaiser, 1903.

_____. **Scivias.** Trad. Columba Hart; Jane Bishop. Intro. Barbara J. Newman. Pref. Caroline Walker Bynum. New York: Paulist Press, 1990.

_____. **The Book of Divine Works.** Trad. Introd. Nathaniel M. Campbell. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2018.

KERBY-FULTON, K. A Return to 'the First Dawn of Justice': Hildegard's Visions of Clerical Reform and the Eremitical Life. **American Benedictine Review**, n. 40, p. 383-407, 1989.

LECLERCQ, J. **La femme et les femmes dans l'oeuvre de Saint Bernard.** Paris: Téqui, 1983.

LEGRAND, H. Les femmes sont-elles à l'image de Dieu de la même manière que les hommes? **Nouvelle revue théologique**, 2006. t. 128.2, p. 214-239.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Editora Cultrix, 2020.

LE GOFF, J. (Org.). **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

MACLEHOSE, W. F. Aristotelian concepts of Women and Gender. In: SHAUS, M. (Ed.). **Women and Gender in Medieval Europe**. An Encyclopedia. New York: Taylor and Francis, 2006. p. 35-36.

MCINERNEY, M. B (Ed.). **Hildegarda of Bingen**. A Book of Essays. New York: Routledge, 1998.

NEWMAN, B. **Sister of Wisdom**. California: University of California Press, 1987.

_____. **Symphonia**: A Critical Edition of the Symphonia Armonie Celestium Revelationum. New York: Cornell University Press, 1998.

_____. (Ed.). **Voice of the Living Life**: Hildegard of Bingen and Her World. Berkeley: University of California Press, 1998.

_____. Hildegard of Bingen: Visions and Validation. In: **Church History**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 54, n. 2, p. 163-175, 1985. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3167233>>. Acesso em: 17 set. 2022.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

PERNOUD, R. **A mulher no tempo das catedrais**. Trad. Miguel Rodrigues. Lisboa: Gradiva, 1984.

_____. **Hildegarda de Bingen**. Uma consciência inspirada. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

RABASSÓ, G. Las Virtudes, fuerzas vivas del alma em Hildegarda de Bingen. **Cauriensia**, v. 7, p. 21-31, 2012.

SANCTI THOMAE DE AQUINO. **Summa Theologiae**. Opera omnia iussu impensaue Leonis XIII P. M. edita. Romae: Ex typographia Polyglotta S. C. de Propaganda Fide, 1891-1906.